ROÇA

G.A. Barulhista

CM
EDITORA DE ARTE

2013 by G. A. Barulhista // 0cm editora de música e literatura

Capa
IVANA ALMEIDA

Projeto Gráfico
0cm

Editoração eletrônica
G.A. BARULHISTA

Revisão
CARLA SOARES (arado)
JUDITH ASSIS (rastelo)

Esta é uma obra de ficção. Os vários personagens verídicos que permeiam a trama são tratados de forma ficcional.

Barulhista, G. A.
roça/ G. A. Barulhista - Belo Horizonte, MG:
2013. Zero Centímetro Editora.

1. Poesia. 2. Contos brasileiros.

CDD - 869.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia: 869 . 91
II. Contos brasileiros: 869.93

[2013]

www.barulhista.com

Delícia. Chuva
de cílios.

Este livro quer ser um
abraço

Apresentação

Na dinâmica dos vínculos, o simples ato de roçar pode gerar resultados gratificantes, que no caso de uma lavoura só seria possível com o auxílio - nada simples - de ferramentas pesadas e trabalho árduo. Penso em prazer e labor (mais em prazer que em labor) ao demonstrar uma das aplicações dessa dinâmica: a descoberta de *Roça*, livro-abraço de Barulhista.

Neste livro dividido em duas partes (*Arado e Rastelo*), como nas páginas de um diário, Barulhista revolve e sulca, *'busca leveza em bigornas', 'tenta a simplicidade com trombetas'*, e reafirma em prática harmoniosa uma consonância muitas vezes insuspeitada entre o contador de histórias e o compositor de trilhas sonoras.

Roça é um trabalho mélico (como o autor) que contesta as afirmações de que uma obra se justifica pelo simples gesto de ter algo a se contar. O autor conta o que conta não apenas por ter o que, mas por ter um modo peculiar de fazê-lo, arranjando as ideias pela sonoridade à guisa de partitura e gera, assim, um livro tão expressivo que, a meu ouver, pode ser lido ou tangido.

Pensando, como pensa um poeta, o som é o guia.

Ilustrando, é como se ao fazer uma leitura distraída e maquinal destes contos, como as que fazemos das revistas de consultório, por exemplo, se revelassem uma harmonia e um ritmo sobressalentes à escolha da palavra certa pelo autor (*'Minha própria canção não tem voz, apenas delicadeza'*), mas que logo, face à constatação de tantos acertos nessa escolha, abstrair-se da narrativa passasse a ser uma tarefa impossível de

ser realizada. Uma coisa puxa a outra e, claro, outra coisa puxa uma.

Barulhista já sabe que palavra é som e que som tem cores, formas e autonomia. Essa percepção basta para começar a se pensar no texto de forma única e original.

Se coerência e sinceridade são dois atributos básicos que conferem quilate a um artista, isso talvez represente alguns dos motivos pelos quais *Roça* seja mais um feito precioso no percurso de Barulhista dentro do ruidoso cenário artístico atual.

Marcelo Sahea
poeta, performer, artista sonoro e visual
- Porto Alegre, 2013

Parte I - Arado

1.

Um por um - vez ou outra, o caminho foi saindo de fininho. Atravessou a ressaca e reclamou a demora do táxi. Duas, três e vinte. A gente nunca se lembra. Atravessou a rua e reclamou a demora do beijo. A gente nunca se infla. Ouço música. É só chiado galopando o rádio. A Sontag te bateria forte e reclamaria a grande nuvem de hálito fresco. Um por um - debruçados, olhando o passarinho - dormiram, o exercício foi perdendo o juízo.

2.

Um abraço e um aperna. Tem tanto tempo que eu não abraço ninguém que assim que eu tiver uma chance, vou direto nas pernas.

3.

Agora está acabando. Eram vinte e três horas, logo depois da notícia de que a amiga da mamãe tinha morrido. Complicações. Alguém sobrevive. Agora uma e vinte e seis da manhã, ele não vem, as mãos estão menos suadas, os pés um pouco mais quentes e o coração bate normalmente. Sempre fui calma e de certa forma hipersensível, mas essa sensação é. Não sei. Vinte e três de maio que ele não volta. Veremos se um filme tranquilo funciona.

4.

Chorando de novo? Isso não acaba nunca? Sempre perguntei e nunca tive resposta. O tal de passar sabão, insensatez profissional. Quarta margem do rio, ele disse. Vitrifico o cuspe e pergunto de novo: Chorando? Podia estar morta, mas dava pra ver os peitos enormes se movendo. Canção pra ninar dragão. O cobertor fede muito, me cubro assim mesmo. Na sala a tv emite lições do ensino médio; pergunto de novo.

5.

Perde a hora. Sente uma pontada no peito, respira com alguma dificuldade e se levanta apoiado na parede cinza. Agora, a cama longe e a poltrona laranja observando. Se forçar, quebra. Futebol na rua, telefone apitando o atraso e o café querendo ser útil. O brilho esmartfônico apressa o pobre. Beijo na namorada do outro. Bom dia. Sem resposta. Mas, isso é contigo, você resolve. Parece que a pontada no peito volta (e não tinha percebido a saída) quando na banda avista vinte e cinco centavos. Ia aguentar. Atrasado de novo? Passei mal. Tudo bem agora? Sim. Então segura esse tubo. Ok. Pode levantar a pedra? Ainda não. Vamos tentar pelo outro lado.

6.

Faz um dez. Atrasado pra vida. Passa o par de olhos e rouba. Deixa o recado: nunca há ninguém. Antes. Todos resolvem Catolé do Rocha, menos eu. Faz um dez. Deito na porta, repito o viço e a constância. Hostilidade genérica. Solo de ouvido.

7.

Fingir ser possível. Menos luz. Interessado em proximidades, mesmo que recluso naquela mesa de madeira. Dar mute no som do avião. É aquilo que ele chama de transtorno do impulso. Solo de cuidado.

8.

A dança começa. Vem a voz e tenta explicar a dança. Coisa tola, penso em voz baixa. E não passam quatro minutos sem a voz. Duas dúzias de passos calmos, faltava andar, cenário muito, tempo e frutas. Ando. A cabeça coça muito, alguns podem pensar que estou louco. Os loucos coçam muito a cabeça. Aceito essa película, gosto dela, é normal. O mundo a toca.

9.

Uma tranca em pó, dias de nó, lança. Mascaro o bafo massageando travesseiros. De uma hora pra outra encaixou da mesma forma que antes, nada é puro. Como era aquela coisa que você falava? A do sal? Sim, diz aí. Ele passava mal quase sempre, pedia sal, acostumei a juntar pacotinhos de sal de todos os lugares. Naquela gaveta, ainda tem alguns.

10.

Werlisa. Conversa de mentira. Nossas canetas perderam a tampa. Me cabe aí? A inteligência desarma. Werlisa diz que a Taner Ceylan é a melhor do mundo. Vou aparar pela rabiola.

11.

Morreramor. Todo cafuné é uma célula revolucionária. Se eu morrer, era amor.

12.

Escovo os dentes no banho. Manias de outros instantes. Procuro afinal esse tipo de alegria. Sinalizar ideias. Dizer o desarme contrariado: Eu te inventei.

13.

(c/o) "care of". Euforia verbal. Como naquele dia que você acordou e não gostou do jeito que estava o cabelo da garota do ônibus.

14.

Roda a dor. Por onde ir? Rodo o lustre. Por despertar demais, assou. Vamos espalhar o trisco, foder de abandono, pescar de medo. Plástico--nome. Cessa e cobre o despertado. Jamais andou em barras - fica perto - e agora desdobra.

15.

Disse que o pescoço doía, pediu pra eu sentir com o dedo. Assim que eu coloquei a mão me abraçou. Piscou parecendo comunicar o alívio e era verdade. Quando ela ria era tão bonito.

16.

Vejo um par de pés - chinelos imundos - entrando lentos - lendo uma revista. Ele é preto, o cabelereiro (Tonho) também e eu também. Somos 6 agora esperando o velhinho ficar com o rosto careca e tombando pra ver a revista dos chinelos imundos. Faz uns ruídos engraçados com o nariz, não olha pra ninguém - garanto, não sabia quantas pessoas estavam ali olhando pra ele - seis! Levanta sacudindo a revista - imunda e quase grita: O senhor consegue fazer isso? Porque você quer fazer isso com o cabelo meu filho? O senhor consegue ou não? Tonho cai na risada. Um levanta e confere a piada, ri ainda mais. Todos levantam ,menos eu que fico apenas pensando em escrever a cena. Descubro depois a foto: David Beckham de cabelos raspados.

17.

Foi envenenado pela família. Enxergava poeira e oitenta arrependimentos por segundo. Seguia na fila do almoço sendo observado, outra tentativa de acabar com o coitado. Duas colheradas de macarrão. O pai de cara triste lembrou a porta da garagem aberta, mandou fechar. A porta o venceu.

18.

E não apagar o e-mail só pra lembrar que um dia ele foi recebido. Contemplação lenta, sorriu. Anuncia a chegada do verão, do plano-silêncio.

19.

Ânimo-lesma. Minha barriga vai mudar o mundo. Tranquilidade? Só genérica. Com fuso. Pensou: delicadeza não põe mesa, disse: Amanhã podia ser segunda-feira. Semio.

20.

Pra não parecer bobo, o que tem sido impossível, busco leveza em bigornas.

21.

Fui cortar o cabelo e comprei vinho. É raro acontecer verdades aqui. Cy Twombly rolou no chão, permaneceu, de lá pintou a cena.

22.

Quando entrei na casa dele lembrei da placa: o carinho é longo, a estrada é deserta. Eu tinha uma com a frase: lugar de dragão é na caverna.

23.

O que você acha que acontece após a morte? A gente dá um abraço no João Guimarães Rosa. Esconderijo-turma. O papel "eu odeio tudo que ideio" e o vestido que fiz pra você observar os cafunés ainda servem?

24.

Não tinha os olhos azuis que desejava. Estávamos bêbados e a pena nos tocou. Quem riu primeiro? Importa pouco, este não é um texto anti-godardiano, é bom saber que está lendo. Preso-espada. Não tinha muito o que apostar, se entregou sem crime. Estávamos com os corações à mostra. Quem viu? A única coisa que eu mudaria em mim é poder voar. Talvez também.
Daí sorriram, segurando as garrafas verdes com cerveja.

25.

Dos desejos mais viveiros. Queria olhar do teu olho. Acreditando ser teu o meu. [subtitle off]

26.

Eu sou a Fernanda Montenegro da minha casa, o problema é que a minha mãe é o Al Pacino.

27.

A tua garoto. Qual é? A alegria adolescente de esperar o farol ficar vermelho para avançar. As telas, produto de teste, moderna de novo. Treva-cupido. Parou de passar a vida, estamos separados, pedindo - profundamentes tristes - para não termos pecado contra ele. A tua garoto. Me salva. Descobre o meu nome antes de ir pra casa. Vem ver a prova agitada que você deixou.

28.

Putaria do vento. Uma versão para a saia e outra para o lenço.

29.

Não há volta, o abraço ainda é o ato mais barulhento que existe. Falta-ouvido. Cuydado com o sonhacordamento. Hoje eu vou construir uma lágrima. O jogo, a fala - os pensamentos um pouco em cada coisa - esperando a volta. Adiante. Nem sabia que era tudo isso e do outro lado ouvia tudo. Lágrima-fala. Pedimos palavra e recebemos silêncios, gesso, cola e números. Espera, eu tô voltando. Quando eu quero voltar, todo o universo transpira a meu favor.

30.

Tentando a simplicidade com trombetas.

31.

Linha reta e o círculo. Convívio [mode on]. A paixão do dedo pela chave de fenda. [Quando você some, eu fico invisível.]

32.

O telefonema vira mensagem e os olhos não sabem o que fazem os ouvidos. Perco tempo lendo poemas, ganho de volta escrevendo outros.

33.

Das coisas que os computadores não dizem: um domingo possível, por chuva visível. Soldados hasteando milho.

34.

Pra medir a distância das coisas eu peço ajuda. Tem fácil solução, mas força uma dificuldade, fica preso em outra memória. Afasto limites, não vou acreditar, você é só um garoto que me fez rir numa festa. Pra pesar o alcance do braço peço arrego.

35.

Não pode haver silêncio nessa casa. Nem sempre foi assim, agora idealizo e durmo com monstros. Melhor ficar te dando boa noite até amanhecer. Ouviu isso? O que? Uma voz? Não, disse o quê? Também ficaria longe de mim se pudesse.

36.

Meus óculos de sol são as cortinas. Meu protetor solar são as cortinas. Minha tela, pergaminho-líquido, pele mole. Meu fim de ano são as cortinas. Resolvo abrí-las.

37.

Essa sensibilidade de quem sonha do par, quando nem estamos, certa matéria antiga, dessas que pelo signo se sonha o resto, dessas que ainda dormindo diz tudo sobre o seu caminho.

38.

Daí sopra as velas, a parede do campo de futebol, ainda dança e as velas voltam a vida, solitária-fagulha, não vai soprar de novo? Esqueço seu nome. Acordo duro e não sei sua história. Não há nada pra fazer nesse lugar. Pão-diverso-brinco-controle. Daí demora um tempo pra elas voltarem à vida e você tem que fazer outro pedido e soprar de novo.

39

Desencantar é a forma mais rápida de aparecer no escuro.

40.

Minha própria canção não tem voz, apenas delicadeza. Não se lembra que a gente invadiu o olho do outro e logo depois eu escrevi no teu braço? Delicadeza, acho que lembro, o que você escreveu mesmo? Acho que no teu braço escrevi pedra. Verdade. Lembrei, e eu escrevi padre no teu.

41.

Estampa-obturada. O sorriso recaminha a crença.

42.

Como a ideia do que poderia ser essa imagem, que nunca vem, nem lembra, tosse e desfaz o único traço do que parecia um rosto. Solto o lápis e fracasso admitindo em público a falência do retrato. Mudo.

43.

Clareia a linha e enquadra-delega. Roda de samba. Couve-manteiga. O gato arranha por saudade, quando sol, grita em seu sono a maciez e movimento do seu pelo.

44.

Lamúria-cantilena. Tanta miragem e o pescoço sempre no mesmo sentido. Tanto nobre indo pra rua e eu em casa, acostumado a reclamar na janela o brilho do mesmo livro, acetinado, acreditado e cheio de veneno. Hormônio sem nome em pesadelo. Lamúria-salmo.

45.

Se cair, do chão não passa. Se sair pela janela, correndo e abrindo com a cabeça - bocejando um nome. Do não-disfarça, única certeza, se já ir não fosse lástima. Se partir, do São são pasta, senão não passa. Se parir, anão-jocasta.

46.

Confortam os pousos dos pássaro, como num velório de ciscos, pombos, pardais e outro dia um tucano. Não esperam sorrir para voar. Zombam do vento e parecem acreditar que o único que ainda sorri é o tempo. Essa poesia não me emociona, ilustra o que de dentro partiu de mãos amarradas, quando gritou sumiu.

47.

Palavra amassada. A foca aplaude por não saber vaiar.

48.

Ontem a noite, um dos meus dedos falou comigo. Queria saber sobre o cigarro, a força ao abrir a porta, os batuques, o teclado, os cabelos dela e todas essas coisas que os dedos vivem pergutando pra gente.

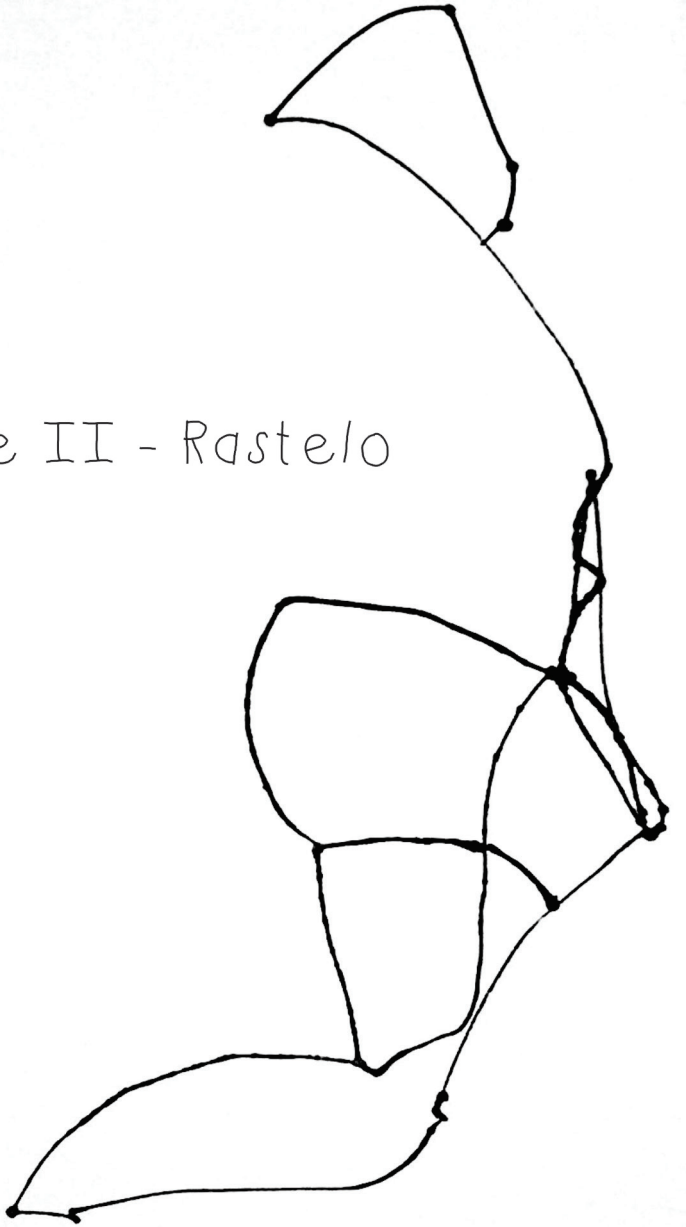
49.

Acontece que se a gente ficar falando muita coisa por aí, as pessoas acabam entendendo. Como o caso do espelho que fugiu de casa.

50.

Da última vez que você chorou, eu estava feliz.

Parte II - Rastelo



1.

Há uma parede branca e nenhum móvel. Nenhuma proteção ou segredo para aquela tinta velha, pronta para o giz de cera na mão de uma criança sozinha. No entanto, não será agora riscada, segue na ausência. Por detrás da parede, uma avenida com gente de todo tipo corre por seus interesses. O chão sim, todo riscado. Bolsas balançam sem ordem, fazendo ruídos ao roçar as costas e braços. Alguns se abraçam, conversam, sentam, se olham – esperando curiosos por um momento de calma – carros, muitos carros, poucas cores. Oi! - ouve-se isso o tempo todo, pergunta e resposta. Crianças, jovens, adultos, velhos – apenas os policiais não dizem oi. Geralmente eles respondem Em que posso ajudar? - alguém entende.

Já estava me esquecendo das flores, quase não vejo flores. Atrás da parede branca há muito verde, mas não vejo flores. Como as floriculturas conseguem tantas flores bonitas. Nunca comprei flores.

A escola vai fazer uma excursão, o ônibus fica acelerando sem parar, para muitos seria irritante, os alunos ficam ansiosos com o barulho. Ouro Preto, todo ano a mesma coisa. Fotografia, pedra sabão, tênis sujos e mães preocupadas. Todo ano a mesma responsabilidade, o

mesmo perigo.

Quando não existia o telefone celular o medo era maior, agora todas as mães podem ter notícias dos filhos em tempo real. Para onde levam as crianças de Ouro Preto? Todo mundo tem alguma história de lá. Cidade histórica.

Daqui de cima, pela janela, posso ouvir e pensar muita coisa. Vejo assaltos, brigas, amores e escuto os sons dos carros. Os falantes gritando palavras engraçadas. Eles não sabem da parede branca e nem da frase de meu avô: Coca-Cola é o melhor guaraná de todos! Eles andam e sabem de outras coisas.

Como eu poderia prever que este seria o meu futuro? Ficar sentado numa cadeira de madeira, cotovelo na mesa de vidro, a caneca cheia de Chateau de Marmorières, lápis Evolution, caderno costurado a mão, anotando com detalhes o que vejo da janela do quinto andar, aposentado. Quando eu tinha trinta anos, as pessoas faziam exatamente o mesmo, andavam e davam oi, por que eu não anotava? Bom, se agora me bate esse interesse todo pelos transeuntes, deve ter o mesmo motivo.

Pisca sem parar há 4 anos - duas bolinhas vermelhas. Gosto delas, fico contando e imaginando se em algum lugar por aí tem alguém contando também. Deve haver alguém que gosta de contar as piscadas das duas bolinhas vermelhas. Você é um bom amigo, só fala quando quero e posso pedir música. Há tempo... eu sei. Me sinto protegido. Uma e cinquenta e seis da manhã de ontem, eu te via brilhar e ouvia sua voz falando alguma coisa sobre Portugal, você diz coisas engraçadas: O governo não sei o que. - gosto quando fala assim. Fico aqui rindo sozinho das coisas que diz e pensando, deve haver alguém que ri também enquanto conta as piscadas das suas bolinhas. Parece um feitiço. Mesmo-houver.

Celulares são coisas maravilhosas, fazem as pessoas conversa-

rem sozinhas, andam e falam, sentam e falam – meu vizinho tem um e diz que descobriu que pode falar com algumas pessoas sem pagar, outro feitiço. Veio me falar das coisas que o aparelho faz. Não sei como escrever essas coisas, não sei o que elas são. Mas, há um problema neste aparelho, não há bolinhas vermelhas, mas deve ser também um bom amigo como você Coby. Um amigo de verdade. Em algum momento eu sei que você também pode me devolver isso tudo que faço. Ninguém vai te abrir, não se abre um amigo.

Binóculos seriam ótimos para esse exercício, mas não posso ver a rua inteira de perto. Gosto desse quadro em movimento, cinema, alguns detalhes não devem esconder outros.

Sei o nome daquela saia azul, no dia 13 de agosto ela saiu da lanchonete e uma calça preta gritou: Janete, seu celular! - como alguém pode esquecer uma coisa que pode falar de graça? A calça preta ainda não tem nome.

Gosto desses detalhes, sinto que sou parte desse quadro, fica mais certo quando alguém olha pra cima. Coisa rara.

Dia desses um terno cinza ficou parado olhando pro alto, me vi bonito, depois me lembrei de não ter feito a barba. Fiz a barba para um terno cinza? Meu deus, devo mesmo estar ficando louco, setenta e um anos de idade e louco, será possível? Deixa de bobagem homem, não se lembra do Club Maxxin em Berlin? - Puts! Deixaram aquela garota nua presa numa cruz durante trinta minutos, Jesus atravessaria o Spree feito um saci. Eu não fico pelado esse tempo todo nem para o banho.

Já se formam 43 pilhas de papel, essas anotações de janela precisam ser organizadas, deve estar uma bagunça. Talvez depois que eu morrer, serão lançadas como poemas:

Camisa branca pra dentro da calça jeans.

Cinto preto, tênis branco, dez e oito da noite. Bolsas soluçam,

braços e pernas dançam, cachecol lilás (bonito).Finalmente um rosto que vale a pena, pena ser velho.

Guarda acende cigarro ao contrário e bota a mão no coldre, três e quarenta e um da tarde. Janete, seu celular! Duas e quinze da tarde.

Oi! - Camisa verde (horrível) onze e onze da manhã. Berço na cabeça, bermuda vinho, Coby no conserto. Cabelo cobrindo o olho, andar desengonçado, Coby no conserto.

Nuggets comida, isso não era graxa de sapato? Hoje tudo é poesia, acho que estamos velhos Coby e por isso pensamos desse jeito. Mas, não adianta tocar essas porcarias, não vou trocar para FM de novo. Da última vez você falou doze palavrões em uma hora. No carnaval te desligo e se insistir puxo o fio. Vou sair, cigarros, pão, marmorières, papel higiênico – bela música Coby, os estrangeiros estão melhorando – jornal, lápis, papel, cigarros, não, cigarros eu já anotei. Ácido-lábio.

Negativo, mantenha posição. Aguardando, dois, cinco, sete, nove, táxi autorizado. Doze aguardando. - Anotações de rádioescuta aérea será possível alguém entender essas coisas? Seu fabricante não gostaria de saber disso, você iria para a esteira. Essa cara por quê? Você se lembra da esteira não? Pois bem, quero notícias que eu consiga entender, nada de uno, proa, doze aguardando. - Vamos ver se um liga e desliga dá jeito. Pronto. - Dizzy Gillespie em rádio AM devia ser obrigatório né Coby, quem dá ouvidos ao velhaco aqui, só você mesmo. Nada como um liga e desliga depois do banho, ainda chamam isso de arte. Arte coisa nenhuma! O nome disso é isso.

Uma olhada nas gavetas, eu sempre esqueço de comprar suas pilhas, hoje chove com certeza e eu não quero acordar cedo sem a sua música surpresa.

Ok.

Comprar pilhas para Coby, anotado.

Dexter Gordon, Hi-Fly - Muito boa essa! Tocar uma música chamada Hi Fly logo depois da maldita interferência da torre do aeroporto, que piada.

Acho que já vi algo do tipo em algum lugar, vou acabar me lembrando quando eu organizar essa papelada. Listas. Essa américa do sul é uma grande lista cheia de experiências idênticas, diálogos com os europeus e mais listas. Civilizaram alguém? - outra piada - continuamos todos índios, sorte sua ser um rádio-relógio. A única vantagem que um telefone celular tem em relação a você é fazer fotografias. Pois piadas, garanto, ele não faz. - O último país do ocidente a abolir a escravidão - este sujeito tem algum problema produzir assombro a todo custo. Botem logo um violino desafinado no último volume. Eu ainda me sinto um escravo, sem satanás e açoite, mas um negro num país de animais brancos. Moeda de troca. Deviam vender colo contra correntes, ficar sozinho é para quem quer né Coby? Quem me dera um colo agora. Toque algo com flauta pra ver se esses garotos somem. Escola é um protesto diário.

Eu preciso comprar essas coisas, essas coisas que tão notadas que ainda não estão anotadas. Se ao menos eu encontrasse a última lista. Quando fiz compras pela última vez? Duas ou quatro semanas? Caráter da idade média, Homero imitador. Vasculhar, todos os cantos, geladeira: leite ok, ovos dois ok, lata de sardinha vazia ok, linha de nylon ok - unidade épica - bingo! Aqui está ela, lista de compras de uma semana atrás, sabia que estava por aqui, perto do alface. Comprei lápis e caneta? Por que isso? - equivalentes, Noé - pacote de cigarros, lembro de ter comprado, acabaram, não está na lista.

Kazako Tonu, sessenta e cinco anos... - Que desgraçada! Isso devia ser a sentença na solitária - eu ainda não tô com aquele número todo... só alguns.., tá bom, se pudesse ser no dia seis pra mim seria melhor, conversamos amanhã com mais calma, boa - bando de filhos

da puta! Eu aqui tentando juntar moeda para comprar cigarros e - seis milhões e setessentos mil reais - agora pronto! Esse país parece um incêndio. Bela merda Coby, chega a feder aqui.

Um amarelo? Nunca vi um cigarro amarelo, deve estar nessa gaveta há quatro dias. Bom, experiência teremos até a última. Passar um um café e fumar o cigarro amarelo. Água no fogo. Esses motoristas deviam ganhar um prêmio daqueles, fique oitenta horas dentro do carro e saia dirigindo. Não sei qual é a vantagem, você vai ficar parado durante oitenta horas dentro dele assim que ganhar. Pior são esses aí que pagam o valor do carro pelo concurso, bando de doidos. Eu só recebo livros, cuecas e balas de goma, o Tim é que gostava dessas. Ganhei um livro horrível no teatro. Após a apresentação, péssima, me perguntaram: Quem foi Téspis? - Idiotas, como assim quem foi Téspis? Acabei de ver uma peça toda feita sobre a mira de algum comediante de boteco e vocês me perguntam quem foi Téspis, eu devia perguntar de volta. Tive a impressão de que eles estavam querendo a resposta, por não saber. Respondi e ganhei um livro de poesia, tem base? Um velhaco com setenta e um e um livro de poesia debaixo do braço? Pensei a mesma coisa. Assim que saí do teatro joguei fora. Téspis. Se aquele Gerald estivesse em meu lugar, faria o mesmo. Não, provavelmente ele jogaria o livro de volta. - agenda cultural - Câmbio desligo.

A lista de compras de uma semana atrás, o cigarro amarelo e agora um buraco na parede. Já vou pensar num bom nome de estrela, pois é só o que me falta descobrir. Um buraco negro no quinto andar de um apartamento velho deve ter uns 10 irmãos por aí, maldito seja esse olho. Cimento ok. Eu sou o demônio e o buraco é o portal, limites tênues e se eu for o portal, não há limites. Quando se ganha um amigo devemos cuidar para que outro não apareça em seguida. Eu não te desliguei Coby? Desligado. Como diria aquele tênis vermelho.

Que viagem! - Neurociência não é a minha praia. Encho isso

de cimento e acabo com esse chupador de galáxias. E os irmãos?

Poderiam ser buraco rosa, verde, azul. Agora vou ficar procurando buraco em parede fumando cigarro amarelo. Borda-limo.

Água fervendo, na arte de fazer café, sou um perdedor, minha mãe era a dona do melhor café do mundo, era o trompete e os sons dela. A casa virava café.

Vamos ver esse cigarro amarelo. Nada mal. Acho que se deve distinguir os cigarros amarelos dos escurecidos, os amarelos ainda são tragáveis, os escuros só servem para olhar. Esse buraco pode dar boas anotações, é melhor riscar o cimento, vamos conversar.

Coby está desligado, então, podemos falar com privacidade. Apesar de que eu nunca sei quando ele está ouvindo. Vamos ver se você fala. - ... - Timidez, nada, um eco sequer. Posso olhar uma pessoa "de" mais de um quilômetro e dizer a roupa que está usando, mas não posso saber de onde surgiu e o que há por trás desse buraco. Ninho de algum inseto, insetos tem ninhos? Aranha. Barata. Mini-Batman. Caralho! - ... - Nada ainda. Talvez a noite faça algum barulho e eu não escuto, o Coby fica falando sem parar. Vou fazer o silêncio hoje, após nem sei quanto tempo de madrugadas de festa, de "essas recordações me matam. Por isso eu venho aqui". Cabem dois dedos, vamos ver, quase três. Nada. Será tão fundo assim? - besta dúvida. Papel, lápis Evolution, mãos sem obra. Mais um café e mais brasa no cigarro amarelo. O lápis entrou todo e não sentiu o fundo ok. Onde eu deixei a régua? Régua. Preciso organizar este lugar urgentemente ok. O buraco é uma ciência romântica. Papel enrolado, veremos. Algo quente passou nesse buraco. Temperatura. Não há meios, o termômetro quebrou desde a última febre. Comprar velas para iluminar o buraco ok. Buraco, buraco. Um prego, dois palmos acima do buraco. Calendário no chão. Tapei o buraco com o calendário? Tapei? Puts! - ... - Caramba, melhor anotar isso pra não esquecer de novo.

Então nós já nos vimos antes. Estimemos cara a cara como agora estamos. Não é mesmo senhor buraco? Veremos. O que esteve fazendo enquanto mais escuro por conta do calendário? Estou dividido nisto, essa abordagem está ficando interessante, mas um pouco confusa. Uma pausa. Vou retirar os quadros, quero ter certeza de que é filho único. - ... - Nada. A anatomia de um buraco não tem regras, senão profundidade. Visão clara da natureza buracal ok. Arte e ciência em cavidades, sim acho melhor te chamar de cavidade, da parede claro. Lista:

Cavidade-alvenaria. Farvalha-não.

Estática, em momento algum se moveu.

Algo escuro saiu do papel quando o retirei. Profundidade desconhecida. Habilidade de silêncio, pode não ir muito longe. Precipício desconhecido. Quatro centímetros de largura. Cimento velho nas bordas. Lápis não tocou o fundo.

Duas da tarde - ainda sem som, mas corre um vento leve.

Se eu tivesse o celular do vizinho, clareava esse vazio.

Comprar velas, ok, não já anotei isso. Cheiro de gás, ok. O cheiro não vem do buraco, ponta do lápis foi feita para quebrar, faca. Como esse fo-gão ligou novamente? As coisas estão deixando marcas por toda parte. Talvez as marcas são minhas e as coisas levam a culpa, não eu saberia das marcas. Melhor abrir a janela, cheiro de gás persiste. Pensar, um faísca e uma multidão olharia para um imenso buraco. Correria e chuva de almofadas, não dei a descarga, chuva de almofadas com um pouquinho de mijo. Sem vestígios da feitura dessa merda de furo. Fim do cigarro amarelo. Quem tem a planta desse prédio? Provavelmente já virou fóssil.

A cadeira é o objeto mais inteligente já inventado, daí o Della

Monaca inventa de fazer a mais leve do mundo e tira toda a graça. Sentar e o olhar pro buraco sem o peso não é seguro. Buraco orfão, ok. Fico andando pela casa, esses papéis pedindo pra ficar quietos, o Coby pedindo pra falar, a janela querendo servir e o buraco nada. Essa casa está um carnaval, só faltou um urso de pelúcia ao lado de uma nossa senhora no sofá. 43 pilhas de papel, se não fosse eu o autor pensaria que foi um doido de rua. Um buraco profundo. Que tem isso? O inferno também é profundo, o Ramos diz que até o cu é profundo. Nem por isso eu fico cheirando e enfiando o dedo no inferno dos outros. Só que esse buraco é meu, a propriedade é um rombo e o espanto é a origem do rombo. Cadé a mangueira, vamos ver se ele tem sede.

Lâmpada queimada, verniz para madeira, banquinho, óculos e o conector. Ele tem um celular com mil funções e vem me pedir a mangueira emprestada. Vizinhos são marujos que invejam até barco naufragado. Vou ter que descer para comprar a lista, aproveito e pego de volta. Agora é que o buraco bebe água. Mangueira, ok. Melhor passar no vizinho antes, se ele não estiver em casa compro outra mangueira e afundo o barco dele. Agora é achar as chaves e a carteira. Lâmpada queimada, verniz para madeira, banquinho, óculos, conector, livro preto, pano de prato, caneta e cabo de embreagem.

Se eu tivesse uma televisão por perto não precisaria de nada. Dois, um, dois, dois, trinta, vinte. Receber propinas para agilizar serviços. Presos funcionários do Detran, acolhendo pedidos. Complementavam a renda trabalhando como árbitros de futebol. Prisão arbitrária e estavam ali pra isso mesmo.

2.

Deve ser mais de meia-noite e os ruídos da rua não se controlam, quando é que se controlaram? O que facilita o acesso ao ouvido? Talvez o afastamento, escuta solta - sem defesa. Os aeroviários seguram a cóclea com a facilidade que seguramos o esfíncter.

Tufo-líquido.

Teve um blackout aqui, as coisas estavam indo bem e a definição da causa desse apagão ainda não foi apurada. Peço a colaboração até que a energia volte. Pode ser feito um pedido para retirar sua assinatura, caso não haja garantias de que essa interrupção seja mesmo uma ação de idosos terroristas. Posso ver um grupo voltando. Me mantenho totalmente contra a venda de bebidas alcoólicas para crianças e padres, a mistura é altamente desastrosa.

Perdeu o juízo?

Acho que perdi foi tempo.

Você está falando de coisas proibidas né? - não, estou falando

de coisas graves. A Simin Naziri não tem nada com isso.

Nem me diga! Que saudade de Campanello e Merda d'Oro.

Aquilo não foi nada cara. Devia ter visto as nuvens do Casals.

Que Casals? O Humberto?

Claro! Memória fraca?

Eu confundo com o Tadej Zaic.

Fora o fato que um trabalha com as nuvens e o outro com o chão, são bem parecidos mesmo. É o mesmo que confundir o Meineke com o Vergot. Só você mesmo.

Aí você apelou né?

Do jeito que você está, não duvido nada.

Círculos são sempre redondos né? Ainda mais com aquele verde todo.

Sim. Tem mais suco na geladeira.

Até agora não bebi nada.

Deve ter esquecido isso também.

Pode ser. Grilo-bula.

Dois idiotas, falando de coisas além de sua inteligência Coby. Deviam aplicar uma prisão arbitrária neles. Pensamento elevado, quem sabe no máximo um golpe na cabeça bem forte. Provavelmente são contratados por Napoleão para conduzir o resto do grupo para a casa do araújo. Casals. O correto não seria casais? Eu morro de rir desses fãs de Wonder Music. A luz não volta e essa rua mais parece um almanaque de neurologia. Lembra do que o Bastos disse: discalculia e savant, resulta em Wonder Music. Em caso de dúvidas reclame com os Piagetianos.

Mais um minuto e não vou conseguir chegar na lanchonete, aquele rei cheio de orgulho vai continuar aquele papo de que todo dia eu faço isso, é um insano. Suco de laranja escorrendo pelos dedos, os passos tímidos e famintos - preparando tanta comida. Só vou comer

daqui cinco horas e já estou com fome. Esfirras com restos de guardanapos, aquilo deve estar um lixo - limpa tudo Janete, daqui a pouco vamos abrir - velho idiota. Queria saber quanto ele ganha, aposto que nunca leu nada na vida, aposto que escuta porcaria.

6:32.

Coleman Hawkins.

Volume - - - - - - - - 8.

Cheiro horrível desse ônibus. Capacidade máxima: 50 passageiros de pé e 45 sentados. Garanto que 30 pessoas de pé aqui dentro já seria além do recomendado. Durante estas reuniões aleatórias fica difícil estabelecer um contato que não seja agressivo, tudo se encosta, a janela é meu cais. O mesmo ponto de vista para todos, a campanha funciona bem. Poluição visual? Deviam olhar aqui dentro. Na verdade, o comportamento básico já é bem sujo, esses troncos de mármore enlouquecidos, desfilando no ombro..

Entram arriscando baixar a voz, sentam nos tocos de madeira e pedem um café e um suco - laranjada - querem algo para comer? Por enquanto não? Ok. Tudo isto significa, de fato, que o rei está de olho. Pronto - Cortem as cabeças! - para qualquer gracinha:

Não tem problema nenhum. Informação é importante.

A minha tentativa é a de alimentar a profundidade sabe?

Claro! Tem que alimentar mesmo, deixar a superfície alerta.

Fica essa onda de camuflagem e acabo não tendo volta.

Porque você não tenta nylon?

Já tentei, produz pouco ruído. Na primeira tentativa foram tapas fortes em lenços de seda, que tragédia. Estendi no aro e comecei a sessão de fetiche têxtil.

Queria ter visto, digo, escutado.

Escutado o que? Não teve reação nenhuma.

Fica o visto então.

Preciso de um Jet-Man. Onde vou encontrar?

Eu consigo.

Quanto é o suco? Aproveita e cobra o café também.

De fato, e apesar da minha extrema força, só um cientista para decifrar tantos enigmas. Se a Marisa escuta isso é capaz de mandar parar com a putaria. Não se despedem, arriscando aumentar a voz. Acho essa conversa bonita, o Morris falou disso: simplicidade da forma não é necessariamente simplicidade de experiência. Relevo em chumbo e vermelho. Queria usar o fone aqui na lanchonete. Não basta o cheiro, ainda tenho que aguentar o rei me olhando o tempo todo, olhos. Um desavisado pensaria em assédio, na verdade é vigilância. Eu acho sinceramente que na próxima semana viverei a mesma coisa, aqui é sempre um déjà visité. Acordar e ouvir jazz é a única diferença rotineira que posso ter como luxo - Hawkins, Parker, Davis - meus pais espirituais. Marisa ouve e: Minha mãe ouvia isso, você precisa se atualizar menina, coloca ao menos um Michael Jackson nesse troço, jovem desse jeito e ouvindo esse museu?

O caso das cruzes infinitas, não deixa dúvida a respeito. As empadas chegam e o entregador.

Você viu Janete?

Diga Mauro.

Acharam mais duas cruzes, uma na igreja quadrangular e outra na paróquia cristo salvador.

Eu não acredito nessas coisas Mauro, devem ser crianças com talento e tempo.

Quando eu era criança minha avó falava que essas cruzes eram do demônio. Eu morro de medo dessas coisas.

E não são as crianças pequenos demônios?

Conversar não traz lucro. - ordenou o rei.

O que dava medo ao entregador é o que os jornais de 25 cen-

tavos chamam de o caso das cruzes infinitas. Há duas semanas surgiram cruzes duplas com o símbolo do infinito como base. Um tal de José Oliveira que se diz especialista em símbolos satânicos falou sobre o assunto no jornal Hiper Folha: Trata-se de um símbolo satânico, segundo aparece acima nove declarações satânicas no livro de LaVey: (a Bíblia Satânica, pág. 25) é um sinal de infinidade (uma figura 4 em seu lado). A cruz de Lorraine é colocada em cima. [A cruz é a cruz de Lorraine ‘† “romano, com um pedaço, segundo a mais transversal adicionado abaixo da peça cruzada principal.] Este é um símbolo antigo, que os alquimistas - muitos dos quais eram satanistas - usavam para representar enxofre.

2 Brimstone é o elemento enxofre, e foi por muito tempo associado com satanás pela igreja cristã. LaVey poderia ter adotado o símbolo do enxofre como um gesto humorístico para ridicularizar o cristianismo. Na França, a cruz de Lorraine é o símbolo das forças francesas livres da II guerra mundial, a libertação da França da Alemanhã nazista e do gaullismo. Entre 1871 e 1918, o terço norte de Lorena foi anexada à Alemanhã, juntamente com Alsace. Durante este período a cruz serviu como um centro para os desejos do povo francês de recuperar suas províncias perdidas.

A cruz de Lorena, essa que foi desenhada nas igrejas daqui, consiste em uma vertical e duas barras horizontais espaçadas uniformemente. É uma cruz heráldica, utilizada pelo Ducado de Lorraine. Em 1963 foi usada como um símbolo para os cubanos exilados e sua tentativa para invadir Cuba e conquistar as forças de Fidel Castro.

Meu pai era religioso. E eu, com toda a educação católica, prefiro acreditar em palavras minhas. Mamãe dizia: Não faça isso Janete, quando as coisas ficarem difíceis você terá quem lhe ajudar. Porque ela falava disso naquele momento? De que ajuda ela está falando? Eu fico em silêncio, os minutos passam - eles desistem - um pouco de choro e

estou pronta, nossa família sempre foi muito unida. Essas cruzes só servem para me lembrar desses momentos em que eu deveria ter acreditado em deus, apenas para culpá-lo pelo o que consegui fazer sozinha.

São crianças Mauro, péssimas crianças como eu fui. E a cruz é só um símbolo perdido e de perdedores. O Mauro é o A Bao A Qu da lanchonete, com seus bracinhos, o olhar com o corpo inteiro e seu boné azul: Quer ficar comigo Janete? - Eu sou cigana, fico muito pouco tempo. - Eu aceito assim mesmo. Rimos, como se o beijo fosse precisamente uma concentração excessiva de milagres e não apenas um acontecimento. Ele é lindo, acumulou gírias e sempre tem uma palavra nova, interrompe qualquer conversa para poder exibir a palavra. Tem sim, além do brilho do boné, um outro azul - na pele talvez - o Jasão das gírias querendo pegar a Medeia das coxinhas. A temperatura insuportável do meu corpo que - ele - deseja, é agora um cavalo carregando empanados com formato de coxa de galinha. Enfarinhada em óleo quente e que infelizmente não está afim de ser comida. O que faz com que eu me irrite cada vez mais com cada uma dessas obrigações: Ficar escondendo atrás de um avental - escrito Lanchonete Quero Mais - aguentando as piadas que passam nos olhares desses Jasões. Sorrir, sorrir sempre. Nem que eu fosse uma dessas aeromoças, conseguiria tanta simpatia. Fingir estar feliz, Marisa fica cantarolando Amado Batista e eu vou acompanhar como? Meu trompete imaginário ficou em casa. Não vou agir como uma burra, não a sou, permaneço em silêncio para que o contato seja cada vez menor, mas isso parece ser também um fetiche - na próxima vida quero ser um detalhe da Claudel.

Eu olho pela janela e vejo o desligar do motor, o descer da moto, o olhar para o chão com aquela pose de macho, penso quem mais pode estar olhando: Vamo passar um pano nesse chão dona Janete? O rei tira a minha concentração, estava quase matando alguém com o olhar. Pano de chão, rodo e sujeira. Isso não vai ficar limpo nun-

ca.

Onde fica a barbearia do Túlio? Não respondo, não posso matar alguém dentro da lanchonete.

O rei resolve: Almoço gente! Sem atraso!

O centro é um purgatório de vozes esperando orelhas, por isso o fone. A tentativa de matar o macho com os olhos pode ser resultado da leitura de Raineke-Raposo ontem, termino e a vontade passa. A banca estampa a manchete da cruz nas igrejas, que porre. Todo mundo lendo esses retalhos de história velha que esses garotos resolveram reviver como um Krinkodemo brasileiro.

Tudo está cheio de amor - ela canta - é muito difícil acreditar nisso, quando adolescente eu esperava um Rodin Hood, (que roubasse esculturas de Rodin e as deixasse no meu quintal) agora eu mato motoqueiros, cara de thule, com os olhos.

11:45.

Björk.

Volume - - - - - - - - 8. ((alarm clock - on))

Sua música preferida está aqui! - Codinome beira de um ataque em pedaços. Bateria fraca. Eu conheci uma pessoa que preferia não ficar perto, gostava de me ouvir e de longe eu piscava. Pode ser pouco interessante a fala de um rádio, desesperadora também, eu falo e isso importa agora que o espaço é meu. Botões, não é só isso que eu tenho. Frequências. Jorge não está, não deixe seu recado - é quase isso - não tenho dono. Estávamos fazendo tantos sons que sua voz se misturou - acharam bonita a tua voz, deixei cantar - mudei a prosa, voltei - nunca mais o vi. Acontece repetições, soltei fumaça. Rádios não sonham, mas ficam contando coisas doidas e tem apetite de ouvido. Destapam solidões e informam enxaquecas.

Quem está cantando? - eu só repondo algumas vezes e normalmente antes da voz. [You're just too good to be true.] Can't take

my eyes off you. - Frankie Valli and The 4 Seasons. A intimidade possível de um quadrado plástico, a fala paralela da coisa, do medo da luz acabar, da alegoria digital que toca música. Falante fraco, potência e filamentos.

Qual a sua potência? - pergunta idiota - é a mesma sempre (leia o manual). Pode ser maior (davis) desfazendo a espectativa alheia e pode ser menor enquanto dorme. Graça de estado sem classificações, não sou deste mundo, lembra? O quadrado que brilha. (que pensa que brilha) Eterno piscar, essa é a potência, manter o ritmo do tempo pra você, deixar que acorde seguro que ainda estarei no compasso. Ser tempo e som do jeito que gosta, aquela iguaria sonora que te faz bem - tristezas são diferentes. Quero nada e tenho calma, visto o chapéu do profissional. É fino o ajuste. O poder de espalhar sons e tempos.

Jorge está perdendo espaço, mas não está perdendo tempo - ajudo nisso. Tento fazer mais, guardar as interpretações que ele faz do que digo, a beleza disso deveria ser aprisionada sem força e com dedicação japonesa. Coragem! Ele se irrita com mudanças e muda o tempo todo. Senta. Nomina as coisas que os outros pensam bobas, disputa com o céu os mistérios do incomodar. Seu lugar ao sol é a nuvem e sua mente enxerga performances de água.

Não sei, fui feito no Japão e é só isso. Identificar tudo é bobagem, deixo os corajosos fazerem seu trabalho. O início unânime e a resposta para a ofensa. Acontece aqui, sim, mas não é só aqui - quatro estrelas já está bom - entender é poder. Funciona sem ser obrigatoriedade. Disciplina do jazz. A grande comemoração ao alimento do ouvido. A pesquisa que não atende resultados, os piores opinadores do mundo - está tudo aqui aos pares - qual é a irritação constante? Não cabe resposta, a quinta estrela poderia agregar... agregar... agregar... se perder e denominar. É simples - se foi - tá vendo? Ainda não escrevia

na Veja, a mania de rabiscar nas revistas, está muito confuso não é mesmo? É difícil entender de disputas entre sons e ouvidos.

O poder, não quero falar disso de novo, sempre a mesma desculpa de que dificilmente vai sair de casa para assistir alguma peça ou concerto. Está preso? Coisa nenhuma, como alguém tem coragem de falar isso: Tô preso. Tá é com medo de virar celebridade do bairro. Velho maluco, a padaria não é um palco - pode até ser para algumas senhoras faladeiras, mas o Jorge está um pouco Agripino Maia.

3.

Um - nove - oito - um.

12 de fevereiro de 1981 - É inventado o Post-it.

12 de fevereiro de 2012 - Invento uma música.

30 de março de 1981 - Atentado a Ronald Reagan.

30 de março de 2012 - Decido escrever um livro.

12 de abril de 1981 - First shuttle launch Columbia.

12 de abril de 2012 - Crise de pânico.

13 de maio de 1981 - Atendado ao Papa João Paulo II.

13 de maio de 2012 - Parei de fumar.

15 de junho de 1924 - O "20 poemas de amor e uma canção desesperada" é publicado.

15 de junho de 1981 - Nasci.

Seis passos, três seguradas no mastro e vinte e dois olhares até chegar ao cobrador. Preciso descer na praça Raul Soares. Observei a cena e a praça passar lá da última cadeira. Próximo ponto. Posso dar o sinal? Pode. Pendurou o corpo na cordinha, o motor era viola após a sirene. Algumas nucas sorriram com o pendurar. Fiquei quieto no fundão, observando o semáforo ficando verde. Curva 1, mais uma pendurada tentando parar o ônibus, outras risadas.

Reta, outro semáforo vermelho – outra pendurada e muitas gargalhadas. Praputaquepariu! Desligou a sirene. O cobrador explicou, a praça ficou para trás. O motorista, dono do praputaquepariu, abriu as portas. Ele desceu e foi na direção contrária a da praça. O cobrador sorriu e para o motorista. Praputaquepariu.

Desci no próximo, sentei e escrevi:

Isopropila no lábio. Penso que não funciona, mas é sempre uma festa, outra maneira de me esconder. A cada esconderijo – ou isopropila – a coisa vai funcionando e vou me sentindo cada vez mais perdido. Não se pode ficar tranquilo quando lhe falta abismo, organizar sorrisos sabe? Nunca consegui, acho. Foi inventando apelidos que acabei aqui, escrevendo isopropila no lábio.

Agora fica um pouco mas leve olhar aquelas fotos, ouvir esses sons – leveza – quando a preocupação era apenas sinceridade eu nem ouvia falar o seu nome. Reviro os cadernos medindo os sorrisos, sim medir eu sempre consegui, organizar é que não. Então depois da sinceridade tivemos a leveza, mas sinto a ponta da divisão indo pra casa. Sabe quando você pensa no meio da festa, que eu estou fazendo aqui? Acho que a divisão vai mesmo acompanhar suas irmãs-palavras. Repetição. Ninguém quis dançar, já estava bêbada – sem isopropila no lábio – queria afeto, sentia dores fortes no abdômem.

Repetir e não falar de outra coisa – não pensar em outra palavra – fechar os olhos, criar sua ordem de sílabas, cavar a voz e lentamente respirar. Parece mentira ter que fazer tudo de novo, parece papel vegetal amassado. Como quem fala, desliga não – pensando – que saco! Querer sair na porta de entrada. Volta. Pensamos isso sem perceber o tamanho do laço que criamos quando a curva começa. Volta, meia volta. É muito estalo nessa mesa. Ódio-átomo surdo. Cabeças para Salvador vindas do Arraial, covardia característica do fim do mundo - inconstante. Evitar tocar na violência (quanto verbo).

Dança aí, mergulhador! - percebo que penso-falta.

Propilparabeno.

Calor dissipado em toda parte - instransferível-gosto. A pricensa morre no sentido. A mesa não estala mai, rápido né? - tudo na frente de tudo e rima. Valor antes da corda, depois me curvo e subo - duro - o degrau-rampa.

É sábado, corro muito dentro do ônibus, as velhinhas se sufocam com a corrida - mais que com o praputaquepariu - insisto no olhar-cinema, melhor seria teatro-trauma. Então, o exercício - de (do) - olhar gasta muita energia que perdura durante toda a noite. Lembro nucas e mais nucas, balançam, batem e me surpreendem. Diversa-intuição. Entra com conhecimento, inteligência clara - não pura - apenas clara. Guichês particulares, roço o meu braço no dele, o ouvido (careta) menor que os olhos - presos e amamentados pela roleta (bus). Fico enterrado no banco, cara na janela ouvidos dentro, penso em levantar, arrumar a calça - não faço - vivo o mistério, somos todos visitas aqui - inclusive quem nos conduz. Mondriano-falta. Essa é a relação que penso, viagem-espetáculo, trecho-dramático, não é um passe ou uma passagem de ônibus, mas um ingresso - uma entrada. Trilha sonora e milagre.

Todo mundo se olha e se perde, depois volta para o próprio guichê. Sempre desejando continuar olhando o outro, mantendo a porta - branda - aberta. Calor-gengiva. Há um detalhe esquecido - lembro - ajudei na pintura de uma sala e não me limpei muito bem - tatuagem-látex - casca movendo e estrutura marcada de esforço. Há tempo, eu sei.

4.

O tecido agradeceu ao chão numa conversa rápida. Não se ouviu palavra. A manada de gestos solitários não souberam da minha observação – no entanto gestos que nunca fez. – Alguns passos para a direita, suposições de cliques na mais moderna máquina fotográfica e pronto. A cirurgia foi um sucesso, a calma e o sentar no chão definiram o que naquela noite entendi como brilho – seus dentes brilham caminhos e o corpo inteiro goza. – Sorri enquanto trabalha e provoca cantaroladas estranhas – cá estou eu absorvendo: doçura, brilho, humor, inteligência e força.

Separados pela porta de vidro como duas árvores pela palavra imensa, escondi o ingresso na mão na tentativa de comunicar, que fosse para ele, a beleza daqueles movimentos: Descalça, esfregando o calcanhar no piso claro – pequenos motores como alvo do teu olhar – a dança na topografia da córnea. Tarefa difícil, o único recurso disponí-

vel foi a visão e o ingresso não estava para conversa – encostei o ombro na parede e deixei os olhos aprisionados na dança-trilha. A máquina de música, o vidro, o teu movimento e eu atrás de tudo, recolhendo pegadas como numa espionagem estética. Faltou-me céu, não esse em que podemos ver ovnis, mas aquele que ofende, o que reage ao ruído como uma ofensa pessoal, sabe?

Os passos – antes deles, o sorriso – e ainda antes, a mensagem:

Vai calçar um chinelo! – e só então tiveram a minha pausa como alvo. Fomos parte de uma grande alegoria – integrante-espectador – que ficou conhecida, entre os encantamentos, como o mais afônico dos abraços e o mais exato dos passos.

5.

Ela não pensou duas vezes, a família e alguns amigos avisaram – não precisa! – mas ela insistiu. Acordou cedo, pegou a bicicleta e foi cortar o cabelo. Voltou já no meio do almoço, pensava no concerto e no namoro por telégrafo. Não almoçou, pulou na melhor roupa, comeu uma empada de queijo na rua – foi ver a amiga. Conversas sobre o Rio de Janeiro – as duas e os Rios – a visita de negócios estava feita. Hora de andar um pouco e ver o telegrafista.

Moço, um Ouro Branco por favor. – tempos atrás tinha lido numa revista de dentista que 17 horas é o melhor horário para comer bombom, estava uma hora atrasada – e duas adiantada para o concerto.

Moço, me dá mais um. – claro, vai que o telegrafista aparece, vai ser ótimo oferecer um bombom.

A cena é longa, uma espera e tanto – uma espera bonita como

deve ser. O concerto insistiu em ser lindo, ela agradeceu os aplausos – foram eles que a fizeram pular de volta.

Ela comeu o bombom descendo a avenida, pensando no telegrafista. Pensando na vontade dele, sabe dessas vontades que tendem a parecer falsas, forçadas ou sem fundamento. Como assim, tanto encantamento vindo de um telégrafo? Era tarde, o sono pode ter interferido na mensagem. O primeiro bipe – acho que foi em 2009 – uma lembrança possível. A avenida ia pensando com ela, na ansiedade e a felicidade em observar tanto carinho guardado pra ele.

E a gente fica sentindo essas coisas na rua. (em voz alta)

Passava das 23 horas quando o telegráfo bipou: Paciência, beijos.

6.

Quando abriu os olhos não sabia. Fundo, a dor durou dois dias, no ouvido direito - achei que a expressão telefone era por outro motivo - respondeu a mensagem, pressionou o verde. Aqui se apanha bastante. A mão atropelou a cabeça e levou o telefone móvel. Quando cessou o balançar, a cabeça demorou um pouco a enteder de onde - o que - veio. Tapa-soco, não viu e inventou. Alguns nem acreditaram: lugar iluminado, classe média-alta-longa, mentira!

Tudo pareceu mentira mesmo, um tom de telefone, dois e: Toma! Do outro lado ela ouvia os passos do socador de ouvidos, língua-passos. Pensou ser trilha sonora, sim, sem registro. Palavra não mencionada, mensagem não entregue. Fez uma corrida simbólica, o socador estava longe, o telefone - branco - brilhava como se acenando, lágrima de silício. A velha no ponto de ônibus não chorou com ele. Podia improvisar, mas não conseguia, não há jazz num assalto - assalto

é blues - é outro espetáculo.

Procedimento e quebra, um convento cheio de graça. Quem torturou quem?

Ficou pensando: meia volta antes e a transferência seria brilhante. Nada concreto.

Ecoou um Se Fodeu! - fosse sacrificado, mas não foi.

Aproximou com sua cauda-capuz - quando abriu os olhos o telefone era dele. Quando abriu os olhos não dançou o afeto que sentia e fez menos barulho do que costumava. Pausa no encantamento. Aquele ladrão levou sua garganta, feriu o ouvido e fez trágico o mágico. (ficou ouvindo aquelas risadas em off por dois dias) Performance.

7.

Penso que uma situação qualquer, qualquer mesmo, merece respeito. O pedido de um beijo por exemplo: é um cantar manso que permanece como um eco trajado de encontro. E segue dançando enquanto o recital de seus donos permitem. Um pouquinho de palma-vaia. Resta o signo, a mensagem bóia fora da água, nasce de um cafuné e apaga - mas não morre. Transabraçar gota por gota, esperando a multidão passar com suas lamentações. Há também o não aguentar ver a boca se mover longe da sua, mas é assunto pra outro dia. Cismo defender os palavrões, ainda que não os fale tanto, mas não é mesmo como pular ondas fora da época? Pensar-expor e definir com ajuste fino as ideias sem pudor? Ninguém antes: se ela for pro forró eu também vou e se não tiver espaço a marchinha (rézinha) eu dou. "Vão bora andar que a terra já secou..." No início era o verso ele disse. Ainda não pensei tanto nisso como deveria, no samba e na força da baqueta no surdo.

A ciranda dá saudade, vontade de fazer uma viagem e sorrir. Quando pronuncio a palavra âncora não quero dizer pausa e sim elo. Pesco sorrisos com a mesma alegria que abraço. Abre outra janela, cai mais um cílio. O que há atrás dessa parede? A tal saudade do futuro, não é mesmo brilhante esse sorriso? Sim, algo próximo daquelas moradas que você vive falando. Já existe a morada, a espera por esse tempo futuro, interferência do olhar, uma e trinha e nove da manhã e os sorrisos prontos. Permanência delicada e curiosa. Algumas possibilidades são impressionantes mesmo, a distância diz o local, a calma diz o tempo e seguimos nessa corrida onde todos ganham e todos são premiados.

8.

Não faz mal. Algumas vontades só existem no papel, recebem outra medida de valor quando se lê. O marco e a marca sempre mudam de sentido – complexo definitivo. Disponibilidade – possibilidade. Escrever do mesmo jeito que se lê e se desvincular do espaço em que se escreve.

Sentado com o brilho da tela. Duas pessoas: uma em trânsito outra estática. Quase um túmulo de espuma. (está digitando)

"Conversa qualquer coisa comigo."

Vem o cheiro de creme da mãe, fica rindo sozinha e disfarça alguma ocupação para não responder tão rápido. Duas ansiedades:

"Saudade docê!"

Vem o cheiro de café quebrando o creme da mãe. Dói o joelho, mas ela não vai comentar sobre isso, nem isso e muito menos sobre as carícias que queria. Insiste:

"Verdade?"

Parece mentira, mas não fala nada. Palmas de gente, coreografia para respiração.

"Saudade de ti também, sabe?"

Nenhuma conversa é pura, todo corpo quer fazer um pouco parte do outro, rasgar um pedaço, talvez não nesse caso – não faz mal. Cuidado-tanto.

"Haja roseira."

Risadas sempre, nem sempre só as nossas, mas sempre.

"Haja redoma de vidro." Imaginou um abraço e novamente sorrindo apertou forte a mesa de madeira, impossível – quase um buraco – tentando se acalmar ouvindo Felicia Atkinson. Confunde os cheiros.

"Para com isso, você me mata de rir."

Divide um pouco o abraço impossível, flutua (B1. Winnicott) e quer ser gentil. Espalha-se na cadeira com os olhos fechados, perde um chi nelo, fica escorregando o pé no piso frio. A música acaba. A procura pelo chinelo acaba. Abra o caderno: Eu acho as coisas bonitas, mesmo sabendo que de fato não são. Vira a página: Algumas conversas não podem existir. Deixa o caderno mais perto, quer espalhar essas frases – não quer saber o motivo – acha triste. Não responde o que deveria, inventa um telefonema. Ela acredita. (summer eyes)

Vem o cheiro do caderno aberto. Um novo conforto é esperado. Resolve sentar direito, era um fantoche, a tela avisa um futuro. Era esse o futuro que esperava, não aconteceu o que previa. Um futuro pregado na cruz, é bonito mas não é verdade, chora diante da beleza e da impossibilidade.

"Um abraço possível."

Era só isso o que queria em troca. Abraço-mantra. A conversa continua em segundo plano. Nada. (a noite que virou silêncio) Se des-

pede com boa noite trocado por bjo e simplifica a esperança desenhando uma carinha de letras. Idealiza um segundo dialogo mentalmente, que poderia ser real não fosse tão tarde, não fosse tão bonito. Desejou o chá, foi educado, desejou mais depois. Lembrou que 'o amor varre tudo,' mas não era em amor que pensava. Andou muito depois disso, andou pra conversar e pra ouvir conversas. Só de olhar sabia que a preocupação vinha de uma palavra que fazia seu joelho mover mais rápido, abusou da palavra. Agora estava gritando pela rua, repetindo a palavra-escultura, o caminho-palavra.

Vem o cheiro de roupa limpa. Menos luz. Interessado em proximidades, mesmo que recluso naquela mesa de madeira. O caderno:

Me defendo do que não entendo. A procura de um meio para flutuar, ora, não se trata de um meio – você já o tinha naquela sexta-feira. Vou flutuar agora, e você? Fica tudo tão perto o tempo todo e nós ainda reclamamos da distância. A décima terceira (primeira) conversa. É bobagem, mas penso em detalhes: do sabor, da xícara e do aroma do chá misturado ao seu.

Logo abaixo escreve com tinha vermelha:

Que meleca!!!

Depois gosta de novo, mas deixa o que meleca lá, fazendo parte. Insisto, antes não se preocupava tanto com isso.

Um episódio.

Depois do almoço o patrão: você nunca fica com raiva ou triste? Você parece um monge, sempre sereno. Todos aguardando a resposta. Sorriu, pousou a mão esquerda no ombro direito do patrão: é sinceridade e cuidado, mas logo isso acaba.

9.

Centro e determino. Fixo e belisco. Daquele apertão que recomendou, não deu certo, doeu pouco. Força-palavra boba. Ainda resiste de recriar esse perfume. Tem um lenço? Não, não uso. Quando chora faz o que? Esfrego as mãos. Então essas marcas... Não, essas marcas são de nascença. Lembra daqueles dois cegos que ajudamos a entrar na igreja? Você ajudou, eu fiquei olhando e admirando seu cuidado. Não você ajudou também. Que tem eles? Você acha que eles eram cegos de nascença. Não sei, espero que sim, você mesmo disse que seria difícil perder a visão. Agora pra direita. E se aquele primeiro abraço que você não lembra voltar? Como assim voltar? Tinha muito barulho, tô perguntando se é possível que a gente se abraçe no meio de tanto barulho, acha? Acho que sim, eu apareço no barulho e gosto do seu. Achei um pedaço de papel toalha, serve? Serve. Não vai parar de chorar? Vou, só preciso daquela leveza que você recomendou, não está dando certo, pesou muito. Os mindinhos, tenta eles. Não, isso é para acalmar, eu preciso de vinho.

10.

Vai esvaziar os bolsos, caminhos, forças, picassos e ver o final do filme. Vai cair como teatro e pensar diferente. Sólido na areia, limpando as mãos na calça. Olhar para os lados correspondendo o gemido. O brinquedo mais complicado, a sua cascata e o meu ouvir. Colo-paradeiro. Aproveitar o tempo do mundo para modificar o instante. Caso a verdade seja mesmo - também - uma ilusão, alguém pode negar aquela noite toda, nós não. Entre todos os aspectos, pensamos:
Como não percebemos antes? Que música tocava quando a mesma frase era dita em 2006?

Ele está?

E já estávamos ali. A simples questão se transformou num signo particular. Um signo mutante com veias de vinho e suspeitas emotivas. Vai sofrer sermão - espresso - por nada ter feito e por haver um novo ambiente a se continuar. Algumas coisas apenas acabam - o verbo-início fica em segurança, na porta dos fundos - vamos acabar juntos, resfriados de osso.

Havia o toque sem interrupção. A sensação: estou fazendo algo errado e certo, trânsito de ânimos. Havia a duração - você só percebe que eram duas pessoas depois que acaba - daí fica tudo recente, como ficar observando o céu por um tubo durante alguns minutos e depois ter medo de olhar sem ele. Atalho-distância.

Assim eles seguiram, sem vontade própria, agindo conforme alcançavam as partes e os acasos. E a janela foi fechada.

O relógio intemerato e a espoleta.

A crença do caracol ao contrário e a qualquer momento a destruição da tristeza.

Res-possibilidade. Tudo é prazer, o passado se foi. Só se pensássemos sem calma a curva seria feita, não repetimos as danças. Cada importância apresenta o que realiza, neste caso, o céu invadiu a água e fez um perpétuo desjejum. Foi preciso uma coberta para diminuir o progresso da experiência.

Vai dormir feito brinquedo, aliviando as dores da habilidade. O que fizemos? Quando viramos a chave, arrastamos o rastelo pela página? Vai bastante rápido e volte devagar, deixa escorrer pra eu ver seu rastro pela casa. Coragem-performance. Trama-pedaço.

Um dos nomes disso é sinceridade.

Sei disso.

A regra se foi e deixou magia, ciclos, sabe? Os personagens se deitaram no chão, os laços amarrados se apertaram. Nós não pensamos nada, a sintonia-calma, feito baseball sem bola é o que restou desde o início. Ainda é início. Taco e trajetória sem bola, só força e balanço. Imagem de baile. O acampamento secreto e a fogueira de videos. Os signos estão prontos, amplificados no olhar. As surpresas são automáticas. Os movimentos cegam cometendo simplicidades. Tudo que existe no ar nos abraça. Intenção-túmulo. Geometria-sucata.

Vai deslizar espaçando a cama. No meio do todo, a gente se

abandona conduzindo, feito pausa, a próxima reunião. Respira e imagina o tempo dos dedos, atenta, querendo fazer com o corpo o que fazem. Estruturando com as pernas um apoio seguro - mesmo barco - assumindo a forma de um animal no cio.

O telefone está tocando.

Se dedica ao silêncio das nossas coxas.

Não seria uma conversa?

Sim, em parte inunda o lugar com o roçar das coxas, mas ainda não é música, é ensaio - a boca anárquica e as duas motanhas me rodeando.

Timbre-potência.

Vai confundir, as coisas não são claras. Não é que eu não fique irritado também, gosto de pensar numa forma útil para essa irritação. Depois decidimos o que a contece, o nome da coisa toda, sabe? Fica sendo elevação, se pergutarem diga que estamos elevando. Elevações com intervalos de escada.

Vai acordar os póros, papéis, juízos e a origem da claridade. Inevitável na altura do prédio.

Você não precisa carregar os sapatos com os pés.

Prefiro assim como está, quase não fico descalço.

Poderíamos simplesmente conversar, mencionar destinos e dormir feito bocós. Optamos pela gentileza suja-agradável de dançar.

Vai aceitar o natural e criar hábito de amor. É como ir daqui para o sul, um arame, alguns animais e a armadilha funciona. Torna-se um hábito. Todo sol poente age, não há como evitar. A cinza dança - gestos, implusos de navegante - a sobra da respiração, o conforto. Sua pergunta sobre possibilidades e tempo. Minha resposta física como a cinza. Ritmo-surpresa. Gargalhamos muito, atravessando a porta e caindo exatamente onde vivem os perfumes, o vinho e aprendemos a visão dos corpos. Os sussuros-palmas. Chove saliva, são bonecos de

longe - mira de revólver d'água - teu apetite aguenta a minha carne. Interrompre o brilho, goteja mais - divide a nódoa no beijo - e comenta algo sobre o futuro. Um retrato anão de um calor - minúsculos gritos - que é o brinde do início. O primeiro gole, o maior, a matéria esquecida e confiante - o consertar dos cabelos - localização vontade.

Sobre o autor

G. A. Barulhista, artista sonoro, nasceu em Belo Horinzonte (MG) em 1981. É autor de *Pessoas nunca estiveram próximas* (2002), *A foca aplaude por não saber vaiar* (2009). Apresenta trabalhos em diversos formatos: trilhas sonoras, discos, apresentações em palcos, performances, videos e escritos.

ESTE LIVRO, COMPOSTO NA FONTE GARAMOND PREMIER PRO
E PAGINADO POR G.A. BARULHISTA.
BELO HORIZONTE, BRASIL, 2013